

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA E O ENFRENTAMENTO À POBREZA DAS FAMÍLIAS CHEFIADAS POR MULHERES ATENDIDAS PELO CENTRO DE APOIO À CRIANÇA NO MUNICÍPIO DE ITAPIÚNA/CE

Antonia Adriana Pereira da Silva¹
Ana Rochelly Silva Costa Cavalcante²

¹ Bacharel em Serviço Social pela Faculdade do Maçico de Baturité.

² Assistente Social Mestra em serviço social, trabalho e questão social.

RESUMO

O presente artigo contém uma análise das famílias chefiadas por mulheres no seu enfrentamento à pobreza e visa identificar as principais estratégias de sobrevivência das famílias chefiadas por mulheres atendidas pelo Centro de Apoio à Criança no município de Itapiúna/CE, para isso, considera-se importante pontuar as desigualdades de gênero, raça e classes sociais, além da precarização do trabalho, que são contribuintes para a pobreza feminina. É relevante a reflexão sobre a atuação das redes de apoio familiar e/ou comunitário que auxiliam nesse enfrentamento da pobreza. Os relatos destacados neste trabalho são provenientes do contato com as mulheres participantes do grupo focal desenvolvido no Ceacri, que durante o período de realização da pesquisa as participantes puderam relatar suas experiências, desafios e as principais fontes de sustento de suas famílias, cotidianamente. Soma-se isso a falta de acesso a equipamento sociais que compromete a acessibilidade às condições de promoção e garantia de direitos dessas famílias.

PALAVRAS-CHAVE: famílias chefiadas por mulheres, feminização da pobreza, vulnerabilidade social.

ABSTRACT

This article contains an analysis of female-headed households in their fight against poverty and aims to identify the main survival strategies of female-headed households assisted by the Child Support Center in the municipality of Itapiúna/CE. To this end, it is important to point out the inequalities of gender, race and social class, as well as the precariousness of work, which contribute to female poverty. It is also important to reflect on the role of family and/or community support networks in helping to tackle poverty. The reports highlighted in this paper come from contact with the women who took part in the focus group held at Ceacri. During the research period, the participants were able to relate their experiences, challenges and the main sources of support for their families on a daily basis. Added to this is the lack of access to social equipment, which compromises access to the conditions for promoting and guaranteeing the rights of these families.

KEYWORDS: female-headed households, feminization of poverty, social vulnerability

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho suscitou-se diante das crescentes dificuldades econômicas vivenciadas por mulheres que assumiram o papel de chefes de famílias e seu enfrentamento à pobreza. A pesquisa pretende mostrar o perfil dessas mulheres e suas necessidades em acessar o mercado de trabalho e condições básicas de sobrevivência, bem como a forma de participação no processo de produção econômica do país.

O tema, de grande relevância para a sociedade, consiste no fato de ser uma discussão contemporânea, visto que, esse fenômeno expõe a face feminina da pobreza e possibilita abordar as questões que afetam as mulheres chefes de família, evidenciando a desigualdade de gênero, a inferioridade salarial, a feminização da pobreza e tem como objetivo identificar as estratégias de sobrevivência para o seu sustento e demais membros da família.

Nesta perspectiva, será realizada uma pesquisa bibliográfica fundamentada nas leituras dos autores que dialogam com a perspectiva crítica, tais como Cristina Bruschini (1989), Ricardo Barros (1994), Maria Carmelita Yazbek (2012), Elaine Behring (2011), Ivanete Boschetti (2011), dentre outros. Trata-se de um primeiro aporte a um tema atual, no âmbito do serviço social, tendo em vista a precarização das políticas sociais de enfrentamento à pobreza e as vulnerabilidades sociais vivenciadas por essas mulheres. A pesquisa conta também, com uma pesquisa documental em arquivos cedidos pela instituição referida, além da coleta de dados e estudo de campo com um grupo específico de mulheres.

O artigo está dividido da seguinte forma: conceito de família, tipos de família e mulheres chefes de família, que traz um recorte sobre as transformações ocorridas nos últimos anos na família. Em seguida, feminização da pobreza e vulnerabilidade social, dialogando sobre o aumento nos diferenciais de incidência da pobreza entre as famílias chefiadas por mulheres. Por fim, políticas públicas e questão social, relatando as facetas da questão social e as desigualdades de gênero enfrentadas pelas mulheres.

Nesse sentido, apresentamos uma breve trajetória de estudos sobre mulheres chefes de família e uma reflexão crítica sobre a feminização da pobreza, apresentando um perfil uniforme dessas mulheres, além do reconhecimento de que a maior vulnerabilidade social das mulheres

perpassa pelo sistema de subordinação que se cruzam, como os de classe, de raça e de gênero e do crescente aumento da representatividade das mulheres entre os mais pobres.

2. CONCEITO DE FAMÍLIA, TIPOS DE FAMÍLIA E MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA

Ao longo dos anos a família vem passando por muitas transformações e para debatermos este tema é necessário partir do pressuposto de seu contexto histórico e suas transformações para se chegar ao que é família hoje. Marcado pelo patriarcalismo do século XVIII, os conceitos de família eram os mais tradicionais, pai, mãe e filhos, ligados por laços sanguíneos e conjugais, onde a mulher era subordinada ao marido e ao lar e tinha a função de cuidadora dos filhos.

Em “Teoria Crítica da Família”, Cristina Bruschini (1989) relata sobre a pretensão à naturalização do modelo de família nuclear burguês, nos levando a reduzir o conceito de família a um grupo conjugal, onde os laços de parentesco e a divisão de papéis de gênero é tida como natural. Assim, a autora conceitua família como unidade de reprodução social, incluindo a reprodução biológica, a produção de valores de uso e consumo, inserida em um determinado ponto da estrutura social, definido a partir da inserção de seus provedores na reprodução.

Atualmente é considerado família, pessoas que vivem juntas embaixo do mesmo teto e passa a ser ligada por laços afetivos e sentimentais, passando a ter a função afetiva. Com isso, surge, naturalmente, novas representações sociais e novos arranjos familiares. Reconhecida pela Constituição Federal em seu artigo 266, também se considera família o grupo composto por um dos pais e seus filhos. (Brasil, 1998). Nesse sentido, a família é reconhecida como base da sociedade e protegida pelo Estado independente de sua composição. Portanto, ela não é apenas uma construção privada, mas também pública e tem um papel importante na estruturação da sociedade em seus aspectos sociais, políticos e econômicos.

No decorrer das últimas décadas, observa-se uma mudança na configuração das famílias brasileiras, sobretudo, no modelo patriarcal tradicional, onde o homem é o único provedor financeiro, para o modelo monoparental chefiado por mulher. Compreende-se “mulheres chefes de família”, aquelas que assumem sozinhas a responsabilidade financeira e os cuidados com os filhos.

De acordo com o último censo, tem havido um crescimento do número de famílias com essa configuração, as famílias com mulheres responsáveis pela família, sem cônjuge e com filhos, chegam a um percentual de 37,3%.

Segundo Sunkel (2006), em sua análise a respeito da permanência do familismo nas políticas sociais na América Latina, especialmente após os anos de 1990, alerta-nos sobre as transformações que a família vem passando nas últimas décadas. Dentre as transformações elenca a alteração no modelo tradicional de homem provedor e mulher dona de casa e ainda a tendência crescente das famílias chefiadas por mulheres. Destaca-se que esse modelo de proteção baseado na família sobrecarrega a mulher, pois perpetua o padrão tradicional de família, onde o homem é o provedor e a mulher assume o papel de cuidadora (Sunkel, 2006).

3. FEMINIZAÇÃO DA POBREZA E VULNERABILIDADE SOCIAL

Atualmente, falar em chefia feminina significa entender que essa é uma situação vivenciada por mulheres pertencentes a diferentes classes sociais, predominando como “as mais pobres entre os pobres” (Barros; Fox; Mendonça, 1994). A análise do fenômeno da pobreza deverá levar em consideração as diferenças econômicas, históricas e culturais, agregada a dimensão da desigualdade na distribuição da riqueza socialmente produzida, o não acesso a serviços básicos, à informação, ao trabalho, a uma renda digna e à participação política e social.

Nos últimos 20 anos, há um crescente número de famílias chefiadas por mulheres, que são aquelas famílias onde não há nenhum adulto do sexo masculino e esse aumento está associado ao processo de pobreza das mulheres. Nesse sentido, esse crescimento está ligado, diretamente, a feminização da pobreza, que é um processo que tem início quando a mulher passa a não ter mais o companheiro morando em casa e assume a responsabilidade pelo seu sustento e de seus filhos.

Estudos apontam que a chefia de família por mulheres é um fenômeno intimamente relacionado à pobreza, segundo Soihet (2000), a organização familiar dos pobres sempre assumiu “uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras as famílias chefiadas por mulheres só”.

Quando se fala de pobreza, sabe-se que esse é um conceito multifacetado. Para alguns autores é caracterizado como falta de recursos, ausência de liberdades, autonomia e poder de escolha, para

outros pode ser definida como ausência de rendimentos. Já a feminização é o ato de tornar mais feminina e é comum entre as mulheres ou domicílios chefiados por mulheres. Portanto, feminização da pobreza, diante da desigualdade social afeta a vida das mulheres no âmbito mais empobrecido, mostrando que a pobreza tem raça e sexo e que as mulheres são maioria entre os mais pobres.

De acordo com a IV Conferência Mundial das Mulheres, em Beijing, na China, no ano de 1995, a pobreza feminina é eleita como uma das doze áreas prioritárias pela crescente proporção de mulheres em situação de pobreza, em especial, nos países em desenvolvimento. Ao considerarmos a questão da pobreza e das altas desigualdades da situação brasileira, incluindo as de gênero, as mulheres chefes de família acumulam as duas funções: financeira e cuidado, levando-as a uma situação de vulnerabilidade, pois, nesses casos, não conseguem suprir as necessidades básicas de sobrevivência da própria família.

Existem algumas diferenças quanto à participação de homens e mulheres no mercado de trabalho, que vai desde a divisão do trabalho doméstico que leva às mulheres a uma dupla jornada de trabalho até as condições de trabalho e remuneração.

Lavinas (1996) afirma:

As mulheres pobres e não pobres apresentam rendas inferiores às masculinas, taxas de atividades menores, jornadas de trabalho reduzidas porque não são ainda uma força de trabalho verdadeiramente livre e móvel, evidenciando constrangimentos decorrentes do seu lugar na divisão sexual do trabalho doméstico e na maternagem (Lavinas, 1996, p. 479).

Considerar as obrigações familiares a partir das relações de parentesco e de gênero só reforça o papel, historicamente, construído das mulheres nas famílias, que é o de cuidados. E é justamente por conta da discriminação de gênero que as mulheres apresentam um nível de pobreza mais intenso que os homens.

A proporção de mulheres que se concentra nas situações precárias é superior à proporção de homens nessa mesma situação, atingindo, principalmente, as mulheres pobres chefes de família. "O aumento da responsabilidade feminina pelas famílias pode estar refletindo uma crescente participação da mulher nas decisões de âmbito familiar e no próprio sustento da família" (Behring; Boschetti, 2011, p. 186).

Segundo Yazbek (2012) a pobreza não pode ser compreendida como algo natural, diz respeito a uma forma de inserção na vida social, ou seja, inserção na condição de pobreza, que é construída

historicamente. Estamos também nos referindo à natureza da pobreza que está relacionada à desigualdade social, bem como a outras circunstâncias persistentes de desigualdade, como gênero, etnia, origem e outros fatores (Yazbek, 2012, p. 288).

4. POLÍTICAS PÚBLICAS E QUESTÃO SOCIAL

Em um contexto marcado pela pobreza e acirramento da desigualdade social, as famílias chefiadas por mulheres, são fortemente atingidas pela falta de acesso às oportunidades no mundo do trabalho, ausência e/ou acesso precário aos serviços públicos, que de acordo com a Constituição Federal de 1988, devem ser ofertados por meio de políticas sociais de qualidade.

Segundo dados publicados no site Contee, na matéria “Mulheres chefes de família e a vulnerabilidade à pobreza”, as mulheres sem cônjuges, com filhos menores de 14 anos vivem em condições de pobreza extrema, compreendendo 20,6% do total da população que vive em extrema pobreza no país. A situação é ainda mais profunda quando consideramos os dados referentes à situação de pobreza, nessa condição as mulheres chefes de família com filhos e sem cônjuges concentram 54% do total.

Os dados acima revelam o crescimento acentuado do fenômeno da feminização da pobreza, impondo às mulheres a responsabilização pelos cuidados da casa e das crianças, juntamente com o sustento material de seus dependentes.

Para Yazbek (2012) o capitalismo vai deixando suas marcas na população empobrecida de forma destrutiva geradas através do desemprego, subemprego, saúde precária, a má alimentação ou falta dela, moradia inapropriada, levando as pessoas a viverem em situação de inferiorização na sociedade. Tornando-se incompatível socorrer os pobres sem mudar o atual sistema econômico da sociedade e sem reconhecer os direitos sociais das pessoas. Não é possível lidar com as condições de pobreza sem realizar mudanças estruturais no modelo econômico que promove a concentração de renda (Sposati, 1996, *apud* Yazbek, 2012, p. 291).

Os pobres são aqueles que, momentaneamente, não têm acesso a bens e serviços inerentes ao ser humano e não são capazes de gerar renda suficiente para ter acesso sustentável aos recursos básicos que garantam uma qualidade de vida digna. A questão da família pobre aparece como a face

mais cruel da disparidade econômica e da desigualdade social e esse estado de privação de direitos atingem a todos de forma muito profunda e desumana.

Uma forma de manter as desigualdades entre homens e mulheres sempre atualizadas é a partir dos estereótipos de gênero que podem ser definidos como ideias sobre os comportamentos esperados para homens e mulheres. Esses estereótipos correspondem aos papéis sociais de gênero que se reproduzem de gerações para gerações através de valores morais e religiosos que são compartilhados no dia a dia da sociedade. Há tanta repetição nesses comportamentos que acabam sendo naturalizados.

As relações sociais e de poder torna-se mais amplo e denso o conhecimento sobre as formas de opressão a que estão submetidas as mulheres no contexto sociocultural e econômico e servem para manter o controle e a subordinação das mulheres/feminino aos homens/masculino. As práticas baseadas em formas tradicionais de gênero legitima a relação estruturada de formas desiguais e opressivas.

Nesse sentido é necessário conhecer a situação da mulher pobre no que diz respeito à dificuldade no acesso a equipamentos sociais que possam facilitar seu ingresso no mercado de trabalho, educação dos filhos e sobrevivência da família, além da equidade de gênero.

5. METODOLOGIAS

Dada a proposta para a construção desse trabalho, o presente estudo desenvolvido se fez a partir da combinação de dois tipos de pesquisa, sendo: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

A coleta de dados foi realizada por meio de um grupo focal com o público-alvo, por ser um espaço de discussão e de troca de experiências em torno da temática escolhida onde ocorre uma exposição oral específica e espontânea dos envolvidos, além de estimular o debate entre as participantes, permitindo que os temas abordados sejam mais problematizados. Tomando como referência a produção teórica dos/as autores/as estudados/as nas discussões das disciplinas estudadas ao longo do curso, bem como das contribuições de autores/as marxistas na análise da sociedade capitalista e das políticas sociais.

A escolha da técnica do grupo focal se deu por ser uma estratégia importante para apurar percepções, relatos e vivências práticas frente a um tema num ambiente de interação, com o objetivo

de reunir informações detalhadas. A técnica utilizada foi a mais adequada por se tratar de um contato direto com essas mulheres, através da escuta e da partilha de cada uma diante suas respectivas realidades por meio de um debate aberto e acessível com um tema de interesse comum às participantes.

O campo da pesquisa foi a Organização da Sociedade Civil, Centro de Apoio à Criança (CEACRI), localizada no município de Itapiúna, que desenvolve um trabalho social, atendendo crianças, adolescentes, jovens e famílias. A Ceacri é uma instituição de direito privado, beneficente, com fins não econômicos e de atendimento e promoção de atividades e finalidades de relevância pública e social, que oferece serviços gratuitos e permanentes para pessoas em risco de vulnerabilidade social, sem distinção de nacionalidade, sexo, cor, crença religiosa e política.

As sujeitas pesquisadas foram 8 mulheres chefes de famílias que participam dos grupos sociais na referida instituição. A escolha deste campo de pesquisa se deu por meio do contato diário com essas mulheres e do interesse em conhecer de perto seu cotidiano, suas lutas e suas estratégias de sobrevivência, em uma sociedade capitalista, excludente e produtora de desigualdades.

O objetivo do grupo era dialogar com as mulheres selecionadas sobre como eram suas vidas diante da realidade de serem chefes de família. O encontro aconteceu no dia 11 de novembro do ano em curso, de 15h as 16h30min na sede CEACRI. O momento foi conduzido de forma dinâmica e clara para que todas as participantes pudessem se expressar, gerando uma troca mútua de informações.

O encontro teve início com uma explanação do que seria a atividade e como ela seria desenvolvida. Foi apresentado e lido o termo de consentimento livre e esclarecimento (TCLE), como consta no anexo I, para que todas ficassem cientes da metodologia utilizada e para qual fim seria usado os dados coletados durante o grupo focal. Em seguida, todas assinaram o TCLE.

Posteriormente foi realizado uma dinâmica inicial de interação, descontração e acolhimento como pode ser observado no anexo II. O tema a ser pesquisado foi introduzido através da dinâmica da mão, onde as participantes desenharam a mão esquerda, pintaram com a cor usando o critério de autodeclaração de raça, observando as seguintes variáveis: branco, preto, pardo e amarelo, conforme utilizado pelo IBGE, e responderam a seguinte pergunta: O que essa mão já fez? (anexo III) O intuito era que elas relatassem algumas das vivências que já passaram no decorrer da vida.

A próxima atividade que elas realizaram foi a “Colcha de Retalhos” (anexo IV), que estava dividida com as seguintes perguntas: Como é a minha vida? Dualidade da mulher: como conciliar maternidade e trabalho? Quais os maiores desafios do cotidiano para uma mulher chefe de família? Mesmo com o avanço na garantia da igualdade de direitos entre homens e mulheres, as mulheres ainda sofrem discriminação de gênero? De forma simples e espontânea, mediante as vivências que cada uma dessas mulheres tem elas foram relatando situações que vivenciaram, as dificuldades que enfrentaram e passaram como chefes de família e suas estratégias para gerenciar a sobrevivência cotidiana. Foi um encontro rico de informações provenientes de experiências pessoais, percepções, opiniões e sentimentos frente ao tema debatido em um ambiente de interação.

Dessa forma, buscou-se trazer à tona reflexões sobre as estratégias de sobrevivência das famílias chefiadas por mulheres, assim como o enfrentamento à pobreza e para isso o estudo de campo foi primordial nessa análise, pois analisamos as condições em que vivem essas famílias, o que as amparam, como sobrevivem e todo o contexto que as rodeiam.

Como forma de manter o sigilo da identificação das participantes dessa pesquisa, sem deixar de evidenciar a representação delas e de suas histórias, optamos por utilizar nomes de mulheres brasileiras que foram símbolos de resistências no país: Carolina Maria de Jesus, Marielle Franco, Ivone Lara, Dandara dos Palmares, Elza Soares.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fenômeno da chefia feminina de domicílios constitui uma nova realidade vivenciada por mulheres pertencentes a diferentes classes sociais e a pesquisa de campo possibilitou conhecer o cenário em que elas estão inseridas. Esta aproximação com a realidade, proporciona uma reflexão e aprendizagem sobre o fazer profissional, evidenciando a importância de construirmos uma futura atuação profissional, voltada para uma postura ética e política, que visa a garantia do acesso aos direitos, por meio da construção de uma visão crítica e reflexiva das contradições existentes na realidade.

O perfil das mulheres pesquisadas possui faixa etária entre 35 e 59 anos, em sua maioria se consideram como negras e pardas e com composição familiar, em média, formada por quatro

peças. Mulheres que são responsáveis pelo sustento integral do lar e da família, com renda familiar entre R\$ 600,00 a um salário-mínimo, sendo algumas beneficiárias do Programa Auxílio Brasil.

Segundo o site do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, a distribuição percentual das famílias chefiadas por mulheres, segundo cor/raça e faixa etária da chefe de família no Brasil entre os anos de 1995 e 2015 varia de uma faixa etária entre 30 e 44 anos, de mulheres negras subiu de 27,5% para 30,4%, enquanto com a mesma faixa etária entre mulheres brancas caiu de 26,2% para 25,9%. Já na faixa etária entre 45 e 59 anos, as famílias chefiadas por mulheres negras passou de 24,6% para 29,1%, enquanto famílias chefiadas por mulheres brancas cresceu de 26,4% para 29,2%. Mesmo público da faixa etária em que está incluída as mulheres participantes da pesquisa, o que demonstra um perfil aproximado da atual realidade nacional.

A mulher negra sempre sofreu um estigma maior dentro da sociedade, acarretado de um racismo estrutural e do machismo de uma sociedade patriarcal. Enquanto as mulheres brancas estavam à procura de espaços no mercado de trabalho, a mulher negra, não por opção, mas por necessidade, já estava lá, se ocupando em serviços subalternos, pois são elas que não tiveram acesso a postos de trabalho de qualidade e, também, às universidades. As mulheres negras ainda são minorias nos espaços de poder, geralmente ocupam as posições mais baixas do mercado de trabalho, moram em áreas de risco e lidam com a violência e exclusão social de forma mais intensa e como demonstra o presente estudo, são as mais afetadas quando o assunto é famílias chefiadas por mulheres.

Durante a aplicação do grupo focal foi possível ouvir relatos de como era a vida dessas mulheres, que tinham que se desdobrar entre os afazeres domésticos, a maternidade, o trabalho e o sustento da família, que apesar das dificuldades e da realidade em que foram impostas a viverem como o acesso a empregos precários ou a falta dele, às submeteram a uma sobrevivência marcada pela pobreza e desigualdade.

A Carolina Maria de Jesus relatou sobre as dificuldades em criar os dois filhos, hoje um já falecido, ao ser abandonada pelo companheiro e após a morte da irmã, que era quem a ajudava, deixando a seguinte fala “Eu estava sofrendo pela morte do meu filho e da minha irmã e pensando em como ia sustentar a mim e minha filha, do que a gente ia viver e minha filha me perguntou se a gente ia passar fome. Para mim, foi um dos momentos mais difíceis e dolorosos da minha vida” (Carolina Maria de Jesus, 2022).

Na dualidade da mulher, entre conciliar maternidade e trabalho, a Marielle Franco relatou o seguinte:

Eu dava de comer os meus filhos e ia trabalhar na roça, que ficava pertinho de casa, deixava eles em casa e quando eu escutava algum deles chorar eu vinha ver o que era. Criei meus 5 filhos na agricultura, foi muito difícil, sem ajuda e sozinha, teve vezes que eu procurava algo para alimentá-los e não tinha. Mas deu tudo certo, hoje eles estão criados, são pessoas de bem. (Franco, 2022).

Essa fala expõe a face da pobreza feminina, de como as estratégias de sobrevivência são cruéis e quanto o processo de feminização da pobreza emerge, nesse contexto, como expressão da questão social. A Ivone Lara traz em sua fala: “A responsabilidade individual de arcar com as despesas e o cuidar, em todos os sentidos, de tudo e de todos e por fim de si, é um trabalho árduo e um dos maiores desafios do cotidiano que vivo como mulher chefe de família.” Esse contexto aponta a precarização da vida e do trabalho feminino e trata-se, portanto, de um importante indicador da desigualdade de gênero.

Nesse sentido, as mulheres chefes de família, tendem a ser as únicas responsáveis pelo domicílio, sendo a única fonte de renda, o que torna estas famílias mais vulneráveis e estas mulheres certamente estarão sobrecarregadas com os afazeres domésticos e a busca da manutenção econômica da família. São as que arcam sozinhas com os cuidados dos filhos e ao mesmo tempo são as que buscam nas atividades remuneradas as condições de vida. Como relata a Dandara dos Palmares “Tive que parar de trabalhar fora para cuidar do meu filho que não tinha com quem ficar, para poder me manter e ter uma renda comecei vender roupas em casa, era o meu sustento e de meu filho”.

Os dados sobre chefia de família, ao mesmo tempo em que atestam o aumento das mulheres em uma posição predominantemente masculina, reproduzem algumas das desigualdades encontradas em outras esferas da sociedade, uma vez que refletem as transformações dos papéis sociais desempenhados por mulheres e homens.

Outro ponto relevante da pesquisa foi que mesmo com o avanço na garantia da igualdade de direitos entre homens e mulheres, as mulheres ainda sofrem discriminação de gênero, como relata a Elza Soares:

O avanço para mim é insuficiente, a discriminação em algumas atividades que a mulher executa não é valorizado e nem reconhecido por direito. Ainda nessa linha, a Ivone Lara relata: Por mais que haja luta diária para garantia de direitos para as mulheres, ainda existe a discriminação, infelizmente o julgamento por mulher não ser capaz. Enganam-se, pois somos mais que capazes de exercermos igualmente (Elza Soares, 2022).

A inserção no mercado de trabalho segue sendo um fator central para a construção de identidade, a definição do padrão de sociabilidade e, sobretudo, para obter recursos que permitam suprir as necessidades básicas de forma autônoma. Para as mulheres, a conquista da autonomia econômica é condição essencial para que se possa projetar uma vida de autonomia plena. Além de estarem menos presentes do que os homens no mercado de trabalho, as mulheres ocupam espaços diferenciados, estando grande parte em trabalhos precários e isso está interligado ao fato das mulheres estarem sempre inseridas nos serviços sociais e domésticos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a pobreza brasileira atual, as duras facetas do capitalismo, o contexto em que estão inseridas e como afetam as famílias chefiadas por mulheres, percebemos o quão importante é este tema para nossa formação profissional. Diante de uma sociedade adepta ao capitalismo fica ainda mais visível a questão social no enfrentamento à pobreza feminina e as inúmeras particularidades da desigualdade social, com isso torna-se indispensável o papel do assistente social como interventor na luta por mais direitos e igualdade, mediante a essas mulheres.

A pesquisa permite concluir que a mulher chefe de família, enfrenta jornadas de trabalho extra e intrafamiliar, já que vive a dualidade: durante o dia, o trabalho, e depois volta a trabalhar dentro da própria casa, além da função de educar e cuidar dos filhos, papel já tradicionalmente atribuído à mulher, põe-se como mais um dever entre todas as que ela realiza sozinha no seu papel de mulher chefe de família.

Com a mundialização do capital cresce a desigualdade social e diante desse contexto os assistentes sociais, vinculado ao compromisso com a defesa dos direitos humanos e com uma visão crítica da realidade, têm um papel fundamental na luta por mais igualdade de direitos, garantindo que essas famílias pobres tenham o acesso a direitos básicos para sobreviver com uma vida digna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROCO, Maria Lucia Silva. **Código de Ética do/a Assistente Social comentado**/Maria Lucia Silva Barroco, Silvia Helena Terra; Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, (organizador). São Paulo: Cortez, 2012.

BARROS, Ricardo; FOX, Louise; MENDONÇA, Rosane. Pobreza e domicílios chefiados por mulheres. In: **Seminário Nacional Políticas Econômicas, Pobreza e Trabalho**, 2. Rio de Janeiro: IPEA, 1994, p.79-85.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Política social: Fundamentos e história**. Elaine Rossetti Behring, Ivanete Boschetti. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2011. Biblioteca básica do serviço social; v.2.

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.

BRASIL. Declaração e Plataforma de ação da **IV Conferência Mundial sobre a Mulher**. Disponível em: <http://www.sepm.gov.br/Articulacao/articulacao-internacional/relatorio-pequim.pdf> Acesso em: 10 abr 2022.

BRUSCHINI, C. **Uma abordagem sociológica de família**. Revista Brasileira de Estudos de População, [S. L.], v. 6, n. 1, p. 1–23, 1989. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/562>. Acesso em: 21 nov. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE.

Estatísticas de Gênero. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?Loc=o&cat=15,-16,55,-17,-18,128&ind=4704>. Acesso em: 29 mar 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça**. Disponível em

https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html. Acesso em: 28 nov 2022.

LAVINAS, Lena. As mulheres no universo da pobreza: o caso brasileiro. **Estudos Feministas**, 4 (2), 464-479, 1996.

SOIHET, Rachel. (2000). Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: M. Del Priore (Org.). **História das Mulheres no Brasil** (pg. 362-400). São Paulo: Contexto.

SUNKEL, Guillermo. **El papel de La familia em La protección social em América Latina**. Série CEPAL 120. Santiago de Chile, 2006.

VIECELI, Cristina Pereira. **Mulheres chefes de família e a vulnerabilidade à pobreza**.

Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino – CONTEE. 2020.

Disponível em <https://contee.org.br/mulheres-chefes-de-familia-e-a-vulnerabilidade-a-pobreza/>.

Acesso em: 26 mar 2022.

YAZBEK, Maria Carmelita. Pobreza no Brasil contemporâneo e formas do seu enfrentamento.

Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 110, p. 288-322, abr/jun 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/x7pk7y7rfsc8wnxb36mdbyx/abstract/?Lang=pt>. Acesso 13 maio 2022.

ANEXOS

Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa Estratégias de sobrevivência e o enfrentamento à pobreza das famílias chefiadas por mulheres atendidas pelo Centro de Apoio à Criança, cujo objetivo é identificar as principais estratégias de sobrevivência das famílias chefiadas por mulheres atendidas pelo Centro de Apoio à Criança.

A pesquisa será realizada por meio de um grupo focal, através de um encontro de convivência. Estima-se que você precisará de aproximadamente 1 hora. A precisão da sua participação é determinante para a qualidade da pesquisa.

Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o grupo focal e sair do encontro a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

Para contatar um dos pesquisadores da pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para eles a qualquer momento:

Orientadora: Prof. Esp. Ana Rochelly Silva Costa Cavalcante, celular: (85) 9.9837-9184 e e-mail: anarochelly@faculdefmb.edu.br

Pesquisadora: Antonia Adriana Pereira da Silva celular: (88) 9.9631-2142 e e-mail: a.adrianasilva@hotmail.com

Anexo II – Dinâmica inicial de interação – Grupo Focal

EU SOU UM JARDIM SEM FLOR.
EU SOU UMA TAMPA SEM PANELA.
EU SOU UMA XÍCARA SEM ASEIA.
EU SOU UMA PORTA SEM TRINCO.
EU SOU A FLOR DO SEU JARDIM.
EU SOU A TAMPA DA SUA PANELA.
EU SOU A ASEIA DA SUA XÍCARA.
EU SOU O TRINCO DA SUA PORTA.

Anexo III – Dinâmica da mão – Grupo Focal

DESENHE E PINTE A SUA MÃO ESQUERDA, E RESPONDA: O QUE ESSA MÃO JÁ FEZ?

Anexo IV – Colcha de Retalhos – Grupo Focal

Colcha de Retalhos	
<u>Como é a minha vida?</u>	<u>Dualidade da mulher. Como conciliar maternidade e trabalho?</u>

<u>Quais os maiores desafios do cotidiano para uma mulher chefe de família?</u>	<u>Mesmo com o avanço na garantia da igualdade de direitos entre homens e mulheres, as mulheres ainda sofrem discriminação de gênero?</u>